

ESTUDO PILOTO

FAKE NEWS, DESORDEM INFORMACIONAL E PÂNICO MORAL: EXPLORANDO ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS

Paulo Roberto GONÇALVES-SEGUNDO  

Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Meu objetivo, neste artigo, é discutir o funcionamento sociosemiótico de *fake news* que reproduzem pânicos morais, considerando o contexto de polarização sociopolítica vigente no Brasil contemporâneo. Para isso, buscarei, em primeiro lugar, dialogar com a vasta literatura multidisciplinar sobre o tema, dando especial atenção à noção de desordem informacional. Em segundo lugar, a partir do arcabouço sociosemiótico, discutirei a minha hipótese de que essa modalidade de *fake news* consiste em um ponto de tensão entre o absurdo e o evidente. Para sustentar tal hipótese e sistematizar um conjunto de estratégias discursivas que parecem relevantes na caracterização de tipos de desordem informacional, em especial, do vazamento, do contexto falso e do conteúdo manipulado, analisarei um vídeo produzido e publicado por uma youtuber conservadora, apoiadora da gestão Bolsonaro, que denuncia uma apostila supostamente elaborada pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, cidade gerida por um governo de esquerda, que objetivaria naturalizar o contato íntimo e sexual entre adultos e crianças, incentivar a masturbação infantil e ridicularizar a ministra Damares Alves, ela mesma vítima de violência sexual. Como resultado, posso arrolar: a detecção de uma estratégia discursiva geral – a ‘ubiquidade do exogrupo’ –, que parece fundamental para essa modalidade de *fake news*; ademais, caracterizam o vazamento as estratégias de ‘simulacro de diálogo com o endogrupo’ e ‘o uso de imagens como evidência’; em termos de falso contexto, os processos de ‘desancoragem espaço-temporal’, ‘transferência de responsabilidade



OPEN ACCESS

EDITORAS

- Claudia Wanderley (UNICAMP)
- Anna Christina Bentes (UNICAMP)

AVALIADORES

- Alexandre Bueno (Mackenzie)
- Marli Quadros (USP)

DATAS/ES

- Recebido: 30/06/2020
- Aceito: 24/11/2020
- Publicado: 03/03/2021

COMO CITAR

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (2020). *Fake news, desordem informacional e pânico moral: explorando estratégias discursivas*. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 4, p. 01-26.

enunciativa' e 'reconfiguração situacional' se mostraram relevantes; e, por fim, em relação ao conteúdo manipulado, foram centrais a 'diluição de fronteiras espaciais' e a 'adição de propósito imoral/criminoso'.

ABSTRACT

My aim, in this paper, is to characterize fake news that reproduce moral panics, taking into account the context of sociopolitical polarization in contemporary Brazil. To do so, I will, first, establish a dialogue with the vast multidisciplinary literature on the theme, directing special attention to the notion of information disorder. Second, I will discuss, from a sociosemiotic standpoint, the hypothesis that this sort of fake news is a point of tension between the absurd and the evident. In order to qualify this proposal and systematize a set of discursive strategies that seem relevant to the characterization of different kinds of information disorder, especially, leaks, false context and manipulated content, I will analyze a video produced and published by a conservative youtuber, supporter of Bolsonaro's administration, which denounces a pedagogical material allegedly elaborated by the Secretary of Education from the city of Fortaleza, Brazil, a city governed by a left-wing party. It is said, in the video, that the material aims at naturalizing intimate and sexual contact among children and adults, at stimulating child's masturbation and to ridicule the current Minister Damares Alves, who was herself a victim of sexual violence. As a result, I can point the 'ubiquity of the exogroup' as a general discursive strategy, plausibly fundamental to the enactment of this sort of *fake news*; the 'simulation of dialogue with the endogroup' and the 'use of image as evidence' as part of the construal of leaks; the processes of 'spatiotemporal detachment', 'transference of enunciative responsibility' and 'situational reconfiguration' as discursive strategies pertaining to false context; and, finally, the 'dilution of spatial borders' and the 'addition of immoral/criminal objectives' as strategies of manipulated content.

PALAVRAS-CHAVE

Fake News; Desordem Informacional; Pânico Moral;
Estratégia Discursiva; Polarização.

KEYWORDS

Fake News; Information Disorder; Moral Panic;
Discursive Strategy; Polarization.

INTRODUÇÃO

As últimas eleições presidenciais nos Estados Unidos e no Brasil, bem como a recente pandemia de Covid-19 têm despertado cada vez mais atenção de pesquisadores mundo afora acerca do processo de produção, distribuição, consumo e interpretação de *fake news*. Não raro a partir de abordagens multi ou interdisciplinares que congregam Linguística, Semiótica, Análise do Discurso, Psicologia, Sociologia, Ciência Política, Ciências da Comunicação, Ciências da Computação, dentre outras, os estudos têm buscado:

- (I) elucidar e refinar a noção de *fake news* (RINI, 2017; TANDOC *et al.*, 2018; WARDLE; DERAKHSHAN, 2018; GELFERT, 2018; GOMES; DOURADO, 2019), de forma a buscar compreender o que as diferenciam de fenômenos similares, como boatos; o que as caracterizam, considerando a diversidade de possibilidades de construção e de manipulação que experienciamos cotidianamente; e quais são os seus efeitos, levando em consideração as dimensões econômica, sociopolítica, cultural – e, mais recentemente, até em termos de saúde pública. Nesse processo, há pesquisadores que abandonaram o termo, visto considerá-lo pouco produtivo para abarcar tantos fenômenos distintos, preferindo falar em **desordem informacional** (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018); outros autores, por sua vez, preferiram mantê-lo, reiterando a emulação deliberada das práticas jornalísticas como constitutiva do fenômeno e reforçando, assim, sua vinculação aos padrões e às estratégias multimodais típicas de notícias e reportagens (GELFERT, 2018); por fim, há ainda pesquisadores que, mesmo mantendo o núcleo *news*, assumem que o vínculo com o jornalismo não é constitutivo, discutindo que elas são, na verdade, fruto da polarização e da construção de uma ecologia midiática alternativa que produz textos orientados a se conformar às crenças e aos valores do grupo-alvo, com distribuição preferencial pelas mídias digitais (GOMES; DOURADO, 2019);
- (II) compreender os fatores responsáveis por seu sucesso, considerando características culturais, sociais, políticas, econômicas, comunicativas e discursivas. No Brasil, há explicações que envolvem o uso do WhatsApp (BAPTISTA *et al.* 2019) para a distribuição textual, tendo em vista ser uma rede em que os laços sociais tendem a ser mais próximos, o que amplia a confiabilidade no que é distribuído; o uso do YouTube como uma fonte de textos multimodais (MONT'ALVERNE; MITOZO, 2019), uma vez que a visualidade parece ter um papel importante para vencer o possível ceticismo do

1 De forma alguma pretendo dar a entender que essa breve enumeração de pesquisadores e concepções abranja toda a diversidade de definições e abordagens sobre tal objeto.

espectador (GONÇALVES-SEGUNDO, *submetido*); a falta de confiança do brasileiro em instituições políticas e empresas de comunicação (PICCININ *et al.*, 2019), o que favorece a emergência de fontes alternativas de informação; a vigente polarização política com o conseqüente enviesamento perante atores políticos e agência de verificação de fatos (LELO, 2019), processo que pode favorecer que enviesamentos cognitivos superem o pensamento crítico (GELFERT, 2018; GONÇALVES-SEGUNDO, *submetido*); a não rara tematização de eventos e situações que constroem e reproduzem pânicos morais (CRITCHER, 2017), despertando emoção (BAKIR; MCSTAY, 2017) e dicotomização identitária (AMOSSY, 2017; VAN DIJK, 2014), especialmente no que tange a grupos conservadores (GONÇALVES-SEGUNDO, *submetido*).

A despeito de todo esse volume de reflexões, parece-me fundamental, contudo, que novos estudos sejam desenvolvidos no sentido de apreender as características sociossemióticas do fenômeno, considerando sua diversidade temática, seus distintos grupos-alvo, seus contextos de operacionalização (em eleições ou em pandemias, para citar exemplos que saltam aos olhos) e sua instanciação em modalidade verbal e imagética, buscando detectar padrões de funcionamento. Além disso, também seria relevante comparar esse funcionamento em distintos países e/ou grupos ideológicos, levando em conta aspectos não só computacionais (que envolvem bots e algoritmos), mas também aspectos linguísticos, discursivos, pictóricos, interacionais e argumentativos. Dentre esses, destaco, por exemplo, a importância de se estudar o debate público, situado física ou virtualmente, acerca das *fake news*, bem como o modo como elas têm sido apropriadas nesse debate como teses ou como argumentos.

Neste artigo, proponho apresentar contribuições para duas dessas novas empreitadas: (I) a apreensão das estratégias discursivas que subjazem às diversas formas de constituição das *fake news* – ou da **desordem informacional** –, buscando detectar padrões linguísticos (ou imagéticos) que constituem dadas modalidades de **desordem informacional**, a saber o **vazamento**, o **contexto falso** e o **conteúdo manipulado**; (II) a caracterização, de um ponto de vista teórico, das *fake news* que bebem em pânicos morais em contextos políticos polarizados, como é o caso do texto sob análise. Com isso, intenciono fornecer mais algumas evidências em prol de nossa hipótese de que tais *fake news* se constituem em um ponto de tensão entre o absurdo e o evidente, decorrente de diferentes efeitos perlocutórios visados para seu acesso e consumo por membros do endogrupo (*nós*, os conservadores) e do exogrupo (*eles*, os progressistas).

O texto sob análise consiste em um vídeo produzido e publicado pela YouTuber RV² em setembro de 2019, no qual se denuncia uma apostila, supostamente elaborada pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, cujo conteúdo estaria orientado não só a atacar a ministra Damares Alves, mas principalmente a naturalizar o contato íntimo entre adultos e crianças e a incentivar a masturbação infantil. Segundo o texto, tal material estaria sendo utilizado no treinamento e na capacitação de professores e funcionários de creches, instituições essas que estariam sendo coagidas a participar de tal treinamento – no caso das conveniadas, sob pena de não receberem verbas da prefeitura, administrada por um partido de esquerda, o PDT.

Isso posto, exponho, na sequência, a forma pela qual organizei o artigo: na próxima seção – a segunda –, faço uma discussão sintética acerca da teorização sobre *fake news*, com destaque à tipologia de Wardle e Derakhshan (2018), e um debate sobre os fatores que influem em sua disseminação e em seu potencial de sucesso na sociedade brasileira; na terceira seção, apresento brevemente o aporte sociosemiótico³ que embasa a pesquisa e discuto a articulação entre polarização política, pânico moral e ordens do discurso, que subjaz à hipótese de que *fake news* que se fundamentam em pânicos morais operam na tensão entre o absurdo e o evidente; na quarta, analiso as estratégias discursivas empregadas no vídeo em questão, articulando-as às categorias **vazamento**, **contexto falso** e **conteúdo manipulado** de Wardle e Derakhshan (2018), e relaciono essa discussão à hipótese supracitada; por fim, nas considerações finais, retomo e sistematizo os resultados alcançados.

1. FAKE NEWS: APONTAMENTOS TEÓRICOS

A grande dificuldade em definir o que é *fake news* parece decorrer, de um lado, do caráter multifacetado do objeto, que envolve fatores sociais, comunicativos, discursivos, linguísticos, interacionais, computacionais, econômicos, políticos e legais e, de outro, da volatilidade do fenômeno, uma vez que as tentativas de conceituá-lo, bem como de construir ferramentas para analisá-lo ou instrumentos para combatê-lo esbarram no fato de que a máquina de produção e de distribuição de *fake news* encontra-se em pleno desenvolvimento, constantemente adaptando-se aos cerceamentos e às conjunturas, com

2 Preferi suprimir o nome da youtuber por motivações éticas.

3 Refiro-me à Semiótica Social que se desenvolve a partir dos trabalhos de Halliday (2004[1985]) no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, da Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006) e da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2003; VAN DIJK, 2003; REISIGL; WODAK, 2009; dentre outros).

reflexos na linguagem que não podem ser pensados sem se levar em conta que tais textos também se constituem em dados de um ambiente computacional.

Tandoc *et al.* (2018), em um artigo de revisão de literatura, examinaram 34 publicações acadêmicas entre 2003 e 2017 e concluíram que, apesar da diversidade de definições, dois critérios pareciam prevalecer nas investigações sobre as *fake news*: **nível de facticidade** (o quanto uma *fake news* se ancora em fatos) e **intenção imediata do autor** (o quanto uma *fake news* é produzida objetivando iludir). Ao cruzarem as variáveis de cada uma dessas dimensões, os autores chegaram à tipologia abaixo, no âmbito da qual destacaram que a definição mais usual se vinculava à noção de **fabricação**. Segue o quadro:

Nível de facticidade	Intenção autoral imediata de iludir	
	<i>Alto</i>	<i>Baixo</i>
<i>Alto</i>	Publicidade nativa Propaganda Manipulação	Notícias satíricas
<i>Baixo</i>	Fabricação	Paródias de notícias

Quadro 1. Tipologia de *fake news* (TANDOC *et al.*, 2018, p. 148)

Para Wardle e Derakhshan (2018), a **fabricação** é apenas uma modalidade de *fake news*. Para ser mais exato, uma modalidade de **desinformação**. Os autores defendem que o termo *fake news* “é inerentemente vulnerável a ser politizado e empregado como uma arma contra o jornalismo, como um modo de minar os relatos que desagradam as pessoas no poder” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018, p. 44)⁴. Por conta disso, desenvolvem o conceito de **desordem informacional**.

Na leitura que faço da proposta dos autores, são três critérios relevantes para a categorização: **nível de facticidade** (a informação é verdadeira ou falsa?), **intenção de prejudicar** (o texto é orientado a atacar a imagem de um ator social, grupo ou instituição?) e **consciência sobre a falsidade** (o distribuidor sabe que a informação é verdadeira ou falsa?). A partir disso, apresento o seguinte quadro-síntese⁵:

<i>Baixo nível de facticidade (falso)</i>		<i>Alto nível de facticidade (baseado na realidade)</i>
<i>Intenção de prejudicar (variável)</i>		<i>Intenção de prejudicar (alta)</i>
<i>Consciência do distribuidor sobre a falsidade (baixa)</i>		<i>Consciência do distribuidor sobre a falsidade (variável)</i>
Misinformation	Disinformation	Mal-information
Conexão Falsa Conteúdo Ilusório	Contexto Falso Conteúdo Impostor Conteúdo Manipulado Conteúdo Fabricado	(Alguns) Vazamentos (Alguns) Assédios (Alguns) Discursos de Ódio

Quadro 2. Tipologia de desordem informacional (adaptado de Wardle; Derakhshan, 2018, p. 44)

4 No original: “[...] is inherently vulnerable to being politicised and deployed as a weapon against the news industry, as a way of undermining reporting that people in power do not like”.

5 Não há ainda traduções consolidadas para o português dos termos *misinformation*, *disinformation* e *mal-information*. Por conta disso, opto por mantê-los em inglês.

A instância textual que analisarei neste artigo constitui um híbrido entre **disinformation** e **mal-information**, na medida em que pode ser interpretada como contendo traços de **vazamento**, **contexto falso** e **conteúdo manipulado**. Farei um detalhamento acerca desse hibridismo na seção de análise, o que inclui as estratégias discursivas mobilizadas; por ora, no entanto, vale a pena definir, ainda que brevemente, cada uma dessas subcategorias.

Os autores denominam **vazamento** as informações que são baseadas na realidade e que, portanto, possui um nível alto de facticidade, mas que são produzidas – e não raro distribuídas – com a intenção de prejudicar a imagem de um ator social ou de uma instituição. Já o **contexto falso** se manifesta nos textos em que o conteúdo informacional tem um nível de facticidade que tende ao baixo, por conta do deslocamento contextual do evento reportado; ou seja, os agentes produtores da *fake news* recontextualizam os fatos narrados de forma a gerar ressignificações que comprometem (ou, mais raramente, exaltam) os envolvidos. Por fim, o **conteúdo manipulado** se efetiva em textos nos quais operações predicativas e referenciais são realizadas com o objetivo de aumentar a distância entre o que, de fato, ocorreu e a narrativa construída textualmente. Em geral, as alterações não são completas, de modo que é possível atestar algum grau de facticidade, o que pode reduzir o ceticismo do público em relação ao evento reportado⁶.

A questão do ataque à imagem de dados atores sociais ou instituições está diretamente associado ao que Gomes e Dourado (2019) denominam **guerrilha informacional**. De acordo com esses autores, contextos sociopolíticos de polarização podem levar os grupos antagônicos a entrar em disputas informativas calcadas em distorções e narrativas desancoradas de facticidade com o objetivo de direcionar a atenção coletiva para dadas perspetivações do real. Tais perspetivações, que refratam posições ideológicas, constituem uma ecologia midiática alternativa na qual fatos e opiniões devem estar em conformidade com as crenças, os conhecimentos e os valores do grupo-alvo, reforçando sua coesão.

Gelfert (2018, p. 108, itálico do autor, tradução minha) chama a atenção, nesse sentido, para o fato de que as *fake news* são “apresentações deliberadas de alegações (tipicamente) falsas ou ilusórias *como notícias*, de forma que as alegações são ilusórias *por design*”⁷. Ao dizer *por design*, o autor visa a clarificar que o que distingue o fenômeno de usos anteriores de manipulação informativa na mídia são suas características

6 Em termos de uma perspectiva sociosemiótica, deve-se assumir que todo relato procede a uma descontextualização e posterior recontextualização dos eventos narrados. Isso envolve, segundo van Leeuwen (2008), processos de substituição, deleção, rearranjo e adição. No âmbito da adição, podem ocorrer inclusão de reações, propósitos, legitimações e avaliações. Nesse sentido, quando falo da distância entre o fato e a narração, não estou pressupondo transparência entre eventos socialmente localizados e enunciações sobre esses. Refiro-me a um ideal deontológico, ético inclusive, de compatibilidade mínima entre o que acontece(u) e o que se diz (foi dito).

7 No original: “*deliberate presentation of (typically) false or misleading claims as news, where the claims are misleading by design*”.

sistêmicas, que garantem a distribuição de tais textos por conta da exploração de nossos vieses cognitivos, tais como o **viés de confirmação**⁸, a **excitação emocional**⁹ e os **efeitos de repetição**¹⁰. Em consequência disso, pode haver uma supressão do pensamento crítico, marcado pela incapacidade de avaliar a consistência das alegações e das argumentações desenvolvidas em sua defesa, bem como a verossimilhança das narrativas construídas como factuais.

Bakir e McStay (2017) chamam atenção para o fato de que as *fake news* giram em torno de uma “economia da emoção”, orientada a angariar atenção e tempo de visualização, os quais se convertem em dinheiro. No caso das últimas eleições brasileiras e do texto que selecionei para a análise neste artigo, torna-se possível expandir o conceito para também falar da indução a uma adesão passional a dadas agendas políticas. Ao produzir cidadãos desinformados, que tendem a distribuir e reproduzir *fake news* de forma a gerar uma câmara de eco (ou uma bolha ideológica) em que se compartilham o antagonismo e a indignação ao exogrupo, por um lado, ou a empatia e o louvor ao endogrupo, por outro, o debate público e a saúde democrática acabam prejudicados, com prováveis consequências negativas para a gestão do desacordo, especialmente no que tange a aprovação de políticas públicas.

A grande questão parece ser, portanto, que as *fake news* visam, em primeira instância, ao compartilhamento. Seu sucesso é especialmente uma questão de distribuição – seja porque algum ator social acredita em seu conteúdo e julga relevante repassá-lo para alertar ou conscientizar membros do endogrupo ou ainda para provocar ou converter membros do exogrupo, seja porque algum ator rejeita completamente seu conteúdo, repassando-o para mostrar a inverossimilhança ou as táticas do discurso outro para o seu círculo familiar ou profissional, dentre outras possibilidades –, uma vez que isso (I) reorienta o debate público, chamando atenção para aquilo que a máquina midiática alternativa almeja, (II) gera dados que permitem compreender quem são os grupos mais permeáveis (e de que forma se constitui tal permeabilidade) a dados tipos de manipulação informacional e (III) segmenta a heterogeneidade populacional em grupos que podem ser mais facilmente visados por táticas de *click-bait*, que geram dinheiro pela atração de público a dadas páginas ou plataformas, financiadas pela publicidade segmentada (BAKIR; MCSTAY, 2017).

8 O **viés de confirmação** diz respeito ao processo de “favorecer informações congruentes às expectativas em vez de informação incongruente. Isso pode acontecer de diferentes modos: (a) memórias congruentes com a hipótese tendem a ser mais provavelmente acessadas do que memórias incongruentes com ela; (b) peso indevido de importância é dado à informação congruente, possivelmente por conta da concentração sobre a hipótese e da negligência a explicações alternativas; (c) as fontes de informação que podem rejeitar a hipótese são evitadas, desde que a pessoa saiba a priori a opinião da fonte” (OSWALD; GROJEAN, 2004, p. 93, tradução minha).

9 Segundo Gerlfert (2018), a **excitação emocional** intensifica o nosso viés político e reduz nossa disposição a negociar, a conceder e a refutar alegações potencialmente falsas.

10 O **efeito de repetição** diz respeito à tendência de uma informação se tornar mais persuasiva quanto mais somos a ela expostos (GELFERT, 2018).

É claro – conforme já dei a entender – que distribuir não é sinônimo de crer e/ou de aderir a uma dada concepção de realidade, ideologicamente constituída. Contudo, creio ser relevante buscar entender o que subjaz ao aparente sucesso de tal fenômeno, que, não raro, desemboca em crença no que tange ao grupo-alvo.

Gomes e Dourado (2019) atribuem a consolidação do fenômeno à emergência da nova direita – no Brasil, caracterizada pela articulação entre conservadores e liberais, que se materializou na eleição do atual presidente Jair Bolsonaro –, que teria escolhido dentre seus alvos intelectuais, cientistas, professores e jornalistas como forma de alterar a atitude da sociedade diante dessas fontes já autorizadas de informação e de saber, construindo, assim, uma nova “epistemologia tribal” (GOMES; DOURADO, 2019, p. 37), com consequências potencialmente graves para o debate público e para a democracia.

Em uma pesquisa acerca da confiabilidade dos brasileiros sobre fontes de informação, Piccinin *et al.* (2019) mostram que os brasileiros confiam mais em informações cuja fonte seja um familiar, um vizinho ou um amigo do que em empresas de comunicação ou em instituições políticas. Isso se constitui em dado importante, na medida em que, pelo menos no que tange ao contexto das últimas eleições presidenciais, o WhatsApp despontou como a plataforma digital de maior utilização para a distribuição de *fake news* (MONT’ALVERNE; MITOZO, 2019). Segundo Baptista *et al.* (2019), a forma pela qual as conexões são formadas no WhatsApp – rede que se estrutura a partir de pessoas com laços sociais mais fortes, como amigos, família e colegas de trabalho – favorece julgamentos de aceitabilidade em relação ao que lá é distribuído, visto que as conexões construídas ao longo de anos aumentam a confiança na fonte da (distribuição) da informação, reduzindo o potencial ceticismo, bem como a postura crítica.

Mont’Alverne e Mitozo (2019) também destacam o papel do YouTube nesse processo. Em sua pesquisa, que investigou 213 grupos ativos no WhatsApp durante a corrida eleitoral presidencial, as autoras detectaram que os 15 links mais compartilhados no WhatsApp conectavam os usuários mais ao YouTube do que à soma de todas as outras principais plataformas. Isso é relevante, na medida em que se trata de uma plataforma de vídeos, textos intrinsecamente multimodais, que exploram intensamente a modalidade imagética. Nesse sentido – e discutirei isso durante a análise –, é possível hipotetizar que o imagético pode atuar no sentido tanto de reduzir ceticismo, levando à minimização de possíveis dúvidas em relação ao conteúdo, muitas vezes, demandando do leitor mais crítico a busca pela veracidade da informação, quanto de ampliar a confiabilidade e atestar a veracidade do que se enuncia verbalmente, comprovando o que um dado enunciador já constrói como factual. É como se operasse a máxima: “vejo; logo é verdade”.

Por fim, julgo relevante destacar que, no Brasil, o fenômeno das *fake news* – ou da **desordem informacional**, nos termos de Wardle e Derakhshan (2018) – não se restringe à emulação do jornalismo, como já apontam Gomes e Dourado (2019). Conforme qualquer um

de nós já pôde testemunhar, conteúdos fabricados e ilusórios, bem como descontextualizações e vazamentos perniciosos ocorrem por vídeos construídos por youtubers de diversas agendas político-partidárias, em sermões religiosos online, em “textões” do Facebook, em *lives* políticas, em memes, em áudios; todos partilhados vorazmente pelas mídias digitais. Os formatos e os gêneros são muito diversos; de fato, é uma **guerrilha informacional** (Gomes; Dourado, 2019). Contudo, gostaria de destacar um outro traço: é também uma **guerrilha opinativa**, que atravessa o tecido do dissenso na sociedade, tentando suprimir a complexidade dos discursos e dos contradiscursos, simplificando-os e reduzindo-os com base na oposição, construída como real e radical, entre os dizeres e os fazeres do outro (membro exemplar do *exogrupo*) e os dizeres e fazeres do grupo de referência (o *endogrupo*), cujos valores são praticamente sacrossantos (e, portanto, não passíveis de problematização). É a contração do espaço dialético em última instância, de forma que, em muitos casos, as *fake news* acabam operando justamente na tensão entre o absurdo (associado à avaliação de que “é impossível que algum ser humano razoável acredite nisso”) e o evidente (associado à avaliação de que “é impossível que algum ser humano razoável não acredite nisso”). Voltarei a esse ponto na seção de análise.

2. FAKE NEWS, PÂNICOS MORAIS E ORDENS DO DISCURSO

Perspectivas sociosemióticas sobre a linguagem partem do pressuposto de que o processo de construção do significado é constrangido por padrões interdiscursivos (FAIRCLOUGH, 2003; REISIGL; WODAK, 2009). Para Fairclough (2003), são três os padrões interdiscursivos que permitem explicar a reprodução discursiva em práticas sociais, ancoradas em esferas de atividade humana (VOLÓCHINOV, 2017): os discursos, compreendidos como modos sociosemióticos de representar; os gêneros, entendidos como modos sociosemióticos de (inter)agir; e os estilos, concebidos como modos sociosemióticos de ser, ligados, portanto, a performances identitárias. Tais padrões são articulados de forma dialética, o que significa que, por um lado, as fronteiras que os separam não são nítidas e os seus contornos se confundem e, por outro, eles podem ratificar-se mutuamente, na medida em que discursos podem ser engendrados em gêneros e inculcados em estilos. Por conseguinte, eles podem adquirir alta coesão em uma dada instituição, tornando-se hegemônicos. Isso não significa, contudo, que a alternatividade não exista, uma vez que todo espaço institucional estabelece oposições entre categorias sociais, com acesso distinto a recursos e a diferentes possibilidades decisórias, reveladas por camadas de oposição entre endogrupos (*nós*) e exogrupos (*eles*), o que dá origem a processos de resistência e a conflitos sociais. Nessa concepção, portanto, vê-se a inscrição

da alternatividade como intrínseca à constituição das ordens do discurso, compreendidas como formações sociossemióticas ancoradas em espaços institucionais, espaços esses que se encontram articulados a redes de práticas sociais subordinadas a esferas de atividade humana (GONÇALVES-SEGUNDO, 2014; LEMKE, 2005). Tais formações são constituídas por redes de padrões interdiscursivos hegemônicos e contra-hegemônicos, caracterizados pela articulação entre discursos, gêneros e estilos, em função dos agrupamentos sociais relevantes, que hierarquizam comportamentos, crenças e valores em termos deontológicos, diferenciando o que é necessário, preferido, permitido e interdito (GONÇALVES-SEGUNDO, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2018).

Tal concepção tem como consequência a visão de que a produção e a interpretação textuais não são livres, uma vez que todo ator social é constrangido, no âmbito dessas duas atividades, pelos padrões multimodais de composição textual pertinentes, pelos conceitos e pelas relações entre conceitos pré-legitimadas por dados discursos e pelas expectativas de comportamento semióticos que estruturam o papel assumido pelo produtor ou pelo interpretante no âmbito da prática social em que ele se envolve. A despeito disso, há espaços para deslocamentos estratégicos, na medida em que atores sociais podem muito bem simular outros padrões interdiscursivos, processo que parece estar na base das *fake news* politicamente orientadas, em especial, daquelas que envolvem pânicos morais: o discurso outro, com seus valores e avaliações, pode ser textualmente inscrito ou invocado, de forma a não só captar a atenção, como também provocar reações emotivas no leitor-espectador, em um processo orientado tanto a gerar antagonismo em relação a tal discurso e ao grupo que a ele se filia quanto a ampliar a coesão do grupo-alvo, que se filia a outra discursividade.

Segundo Critcher (2017), pânicos morais envolvem reações exacerbadas a formas de comportamento e de pensamentos consideradas “desviantes”, por serem avaliadas como ameaças concretas à ordem moral vigente de uma sociedade. Revisando uma vasta bibliografia sobre o assunto, o autor conclui que elas parecem endêmicas a sociedades capitalistas e tendem a ser alimentadas por grupos conversadores, uma vez que estão associadas à manutenção de valores morais hegemônicos, não raro – a meu ver – ligados a posturas religiosas fundamentalistas. Certas estratégias discursivas parecem estar ligadas às atitudes de combate aos grupos cujos comportamentos são considerados ameaçadores: exagero e distorção do que é enunciado pelo outro; fabricação de conteúdos que atinjam a imagem desse(s) outro(s); previsão de consequências negativas nefastas ligadas à inação contra a expansão desse novo discurso; e a construção do outro como um inimigo cujos valores são concebidos de forma dicotômica em relação aos valores do grupo de referência (CRITCHER, 2017). Ademais, o autor também destaca o uso político de pânicos morais para angariar apoio a candidaturas e/ou a propostas de políticas públicas no âmbito do poder legislativo.

Minha hipótese é a de que a *fake news* sob análise hibridiza modalidades de **desordem informacional**, valendo-se de estratégias verbo-imagéticas variadas (a serem descritas na próxima seção), para ratificar pânicos morais política e ideologicamente orientados. Dessa maneira, mantém-se mobilizado e engajado o endogrupo (cuja reação ideal é a de assumir o conteúdo como “evidente”, ainda que isso não esteja, em princípio, garantido) e geram-se continuamente dados e atenção, tanto da parte do endo quanto do exogrupo (ainda que, neste último caso, a reação ideal seja a resposta afetiva, indignada, que lê o texto como “absurdo” e o compartilha como índice de revolta contra as táticas “sujas” do “outro lado”), de forma a controlar, localmente, o direcionamento do debate público em variadas instâncias¹¹; no caso, em uma grande cidade do nordeste, Fortaleza, cujo governo se alinha a uma agenda progressista, mais à esquerda. Nesse processo, as fronteiras entre grupos provavelmente acabam se distanciando cada vez mais, mantendo a aparentemente útil polarização, com posições dicotomizadas (AMOSSY, 2017).

3. DESORDEM INFORMACIONAL E A INSTANCIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS: ANÁLISE TEXTUAL

O texto que analisarei neste trabalho consiste no vídeo produzido pela jornalista e youtuber conservadora RV, apoiadora da atual gestão Bolsonaro, publicado em setembro de 2019, no qual denuncia uma apostila, supostamente produzida pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, cujo conteúdo estaria orientado não só a atacar a ministra Damares Alves, mas principalmente a naturalizar o contato íntimo entre adultos e crianças e a estimular masturbação infantil. Ainda que se trate de um texto multimodal, direcionarei a minha atenção, primariamente, aos enunciados verbais; apenas focalizarei os elementos imagéticos pontualmente quando relevantes para a nossa argumentação no âmbito das estratégias discursivas associadas à tipologia de Wardle e Derakhshan (2018)¹². Segue abaixo a transcrição do vídeo:

Bom pessoal o que eu vou mostrar aqui pra vocês hoje... é principalmente pra ser divulgado... entre quem tem filhos... especialmente crianças pequenas... em creches públicas... sabe o que tá acontecendo nas creches aqui do Ceará... especialmente na capital Fortaleza? e não duvido que isso também esteja acontecendo em todo o Brasil tá pessoal?... eh: a secretaria de educação... preste bem atenção... a secretaria municipal de educação de Fortaleza está investindo pesado... ((slide 1)) no treinamento e capacitação de professores e ((slide 2)) funcionários de creches... isso seria ótimo se o tipo de material pedagógico não afirmasse ((slide 3)) que é muito natural aBRAços caRÍcias e:... masturbação infantil para acalmar as crianças... isso mesmo... isso não é fake news... ((slide 5)) olha aí a apostila... ((slide 6)) na mesma apostila ((slide 7)) uma charge depreciando a ministra Damares Alves... charge que claro pode ser feita e publicada em qualquer veículo de imprensa... mas não numa apostila que ((slide 8)) ensina os professores a trabalhar a sexualização infantil ((slide 9)) na priMEIra inFÂNcia... você não acha isso estranho não pessoal?... a ministra Damares Alves foi vítima desse tipo de ataque a vida toda... desde criança

11 Em Gonçalves-Segundo (*submetido*), faço uma discussão mais aprofundada sobre essa questão como um todo.

12 A transcrição segue as normas do projeto NURC (PRETI, 1999).

quando foi molestada por um adulto... mas a apostila da prefeitura de Fortaleza menosPREza isso... RI da ministra... e afirma que carícias e toques são normais entre adultos e crianças... até agora como a ministra vem trabalhando incansavelmente contra esse tipo de abuso para proteger essas crianças... eh:::... ela tem enfrenTAdo essa batalha esse tipo de escárnio... mas olha só pessoal esse aviso é muito mais importante do que apenas... o nosso:: repúdio a esse tipo de material... né?... é muito importante a gente saber que TODas as creches estão passando pelo mesmo treinamento e principalmente aquelas que são conveniadas... e que::: a prefeitura diz “quem não fizer os cursos perde a verba para manter a creche”... entendeu ou quer que eu desenhe como funciona o modo socialista de governar?

Texto 1. *Fake News* sobre apostila que incentivaria pedofilia. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QNOv9asjgH0>¹³

Antes de iniciar as análises, considero fundamental fazer dois esclarecimentos. Em primeiro lugar, cabe dizer que o vídeo foi analisado por, pelo menos, cinco agências de checagem de fatos, e seu conteúdo foi categorizado por todas como *fake/falso*. Os links para as análises seguem em nota de rodapé¹⁴. Logo, toda vez que me referir a essas verificações, o leitor pode fazer a sua própria checagem nas referidas páginas.

Em segundo lugar, creio ser fundamental expor o procedimento metodológico. Primeiramente, buscarei mostrar como o texto em discussão constitui um exemplar híbrido de **desordem informacional**. Para isso, discutirei em que medida ele engendra traços de **vazamento** (ainda que fique nublada a fronteira entre ser um vazamento real ou apenas a simulação de um vazamento), de **contexto falso** e de **conteúdo manipulado** (em alguns pontos, tangenciando a **fabricação de conteúdo**), a partir tanto do arcabouço de Wardle e Derakhshan (2018) quanto da apreensão das estratégias discursivas que parecem caracterizar o funcionamento sociossemiótico de cada um desses tipos. Durante o procedimento e, especialmente ao final, faço um diálogo entre as estratégias mobilizadas em face de tal prática discursiva, considerando o contexto de polarização entre o endogrupo conservador (à direita no espectro político) e o exogrupo progressista (à esquerda no espectro político), a mobilização de pânico morais e a tensão entre uma leitura dos eventos narrados como absurda e como evidente.

Início a análise, de fato, pela discussão do suposto **vazamento**. O caráter de **vazamento** pode ser justificado pelo fato de a youtuber estar compartilhando com o grande público um

13 Ressalvo que a referida youtuber retirou o vídeo em análise de seu perfil tão logo a polêmica sobre seu caráter factual ou *fake* se intensificou, substituindo-o por um vídeo em que apenas mostra o material em si: <https://www.youtube.com/watch?v=bWOS3f60kNw&t>. O vídeo original pode ser, contudo, recuperado de diversos canais ou perfis em distintas plataformas na internet; por exemplo, do próprio YouTube, como eu fiz acima.

14 *Links* para as análises de cinco agências de checagem de fatos: G1 (fato ou *fake*): <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2019/09/20/e-fake-que-prefeitura-de-fortaleza-distribuiu-cartilha-dizendo-que-e-natural-fazer-masturbacao-infantil-para-acalmar-as-criancas.ghtml>;

Aos Fatos: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-prefeitura-de-fortaleza-editou-cartilha-que-incentiva-pedofilia/>;

Estadão Verifica: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/boato-distorce-conteudo-de-discussao-sobre-educacao-sexual-no-ceara/>;

E-Farsas: <https://www.e-farsas.com/a-prefeitura-de-fortaleza-elaborou-uma-cartilha-de-masturbacao-em-bebes.html>;

Boatos.org: <https://www.boatos.org/politica/prefeitura-fortaleza-cartilha-sexualizacao-infantil-escolas.html>.

A despeito da multiplicidade de verificações, remeterei, ao longo do texto, ao trabalho da agência *Aos Fatos*, visto ter sido o mais detalhado, o que inclui entrevista com a real elaboradora da apostila, a educadora Elisabete Cabral.

documento que estaria supostamente circulando apenas entre professores e funcionários de creches, documento este que, em tese, não deveria estar acessível aos olhos do grande público. De fato, parece-me bem improvável que o material fosse disponibilizado tão abertamente se os vídeos de RV e de outros atores sociais – dentre os quais está incluído um deputado estadual do PSL-CE – não fossem tão largamente distribuídos, com uma série de afirmações graves, que soam como denúncias, ainda que tenham sido diagnosticadas como falsas. Tal especificidade aponta para uma leitura de que se trata de um **vazamento** real.

Por outro lado, não se trata de informações secretas ou que não sejam de interesse público; trata-se de documento com ampla divulgação em uma das maiores cidades do país, elaborado pela educadora Elisabete Cabral (segundo informações da agência *Aos Fatos*) para uma atividade de estudos dentre os formadores de professores da capital cearense. Nesse sentido, o que a youtuber faz é construir o vídeo como se estivesse dando um “furo”, revelando um grande vazamento, algo que a esquerda (ou o progressismo) não gostaria de ver exposto à luz do sol. Logo, há também elementos para se pensar que se trata apenas de uma **simulação de vazamento**. Não obstante – e especialmente ao se considerar que tal simulação foi bem sucedida para muitos espectadores, que acreditaram na revelação, conforme se pode observar nos comentários à nota da prefeitura sobre o assunto¹⁵ –, a produção desse vídeo pode acabar valorizando a atuação de RV em relação ao seu auditório cativo, o endogrupo (*nós*) conservador, na medida em que ela sinaliza uma reação afetiva de indignação que a leva a revelar os supostos planos de desmoralização institucionalizada da gestão esquerdista na cidade de Fortaleza.

Tal indignação vem marcada explicitamente, quando convoca seu auditório a uma atitude de *repúdio a esse tipo de material*, que *menospreza e ri da ministra* que sofreu violência sexual e quando associa a atitude de sexualizar a primeira infância, obrigando as creches a passar por tal treinamento, ao governo do PDT, de esquerda – *entendeu ou quer que eu desenhe como funciona o modo socialista de governar?* O uso do termo *socialista* é, nesse ponto, estratégico para congregar antagonismos potencialmente já vigentes e pré-concepções possivelmente enviesadas sobre essa forma de organização socioeconômica e política. Como consequência, deixa no ar que algo precisa ser feito para impedir tamanha afronta à integridade das crianças. **Vazar** essa “tática” é, portanto, de extrema importância no âmbito desse discurso e dessa agenda política conservadora.

Trata-se, nesse sentido, de uma estratégia de preservação de pânico moral relativo à “sexualização da infância”, dimensão que se sobrepõe, em alguma medida, ao pânico da “intervenção na sexualidade e na identidade de gênero na infância e na adolescência”, que debate em Gonçalves-Segundo (*submetido*) e sobre o qual Balieiro (2018) se debruça; este último, com destaque ao impacto de tal atitude sobre a educação no país.

¹⁵ Ver nota 18.

Linguisticamente, são variados os traços dessa simulação de **vazamento**. Em primeiro lugar, a youtuber se vale do verbo *mostrar* para assumir um papel pessoal de protagonismo como aquela que irá tornar visível aos olhos do espectador o que a Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza estaria escondendo, apresentando, para isso, provas materiais potencialmente verificáveis. O adjunto circunstancial de tempo *hoje* presentifica tal ação, buscando agregar efeitos de ineditismo e urgência. Seguindo o *modus operandi* da *fake news*, que discuti na segunda seção, a solicitação direta de distribuição – *o que eu vou mostrar aqui pra vocês hoje... é principalmente pra ser divulgado... entre quem tem filhos... especialmente crianças pequenas... em creches públicas...* – posiciona o interlocutor como coprotagonista da atividade de vazamento, ou seja, como aquele que colabora para expor a suposta verdade a todos os interessados: os pais de crianças de Educação Infantil. A pergunta semirretórica que segue – *sabe o que tá acontecendo nas creches aqui do Ceará... especialmente na capital Fortaleza?* – atua, nesse sentido, como um recurso para envolver o espectador, captando sua atenção e curiosidade, na medida em que a resposta esperada é a negativa; trata-se, pois, de estratégia que parece fulcral em termos de um vazamento: simular um diálogo com o outro, questionando-o sobre um conhecimento que se sabe não estar disponível, ao mesmo tempo que o coloca na posição de alguém que não sabe, mas deveria estar sabendo, por conta da suposta gravidade da revelação (seja ela fato ou fake). A estratégia é patêmica: a pergunta organiza o tópico, convoca a atenção do espectador, mobiliza suas emoções, especialmente porque a resposta envolve *crianças pequenas*. É a armadilha do pânico moral.

A **exacerbação** é a estratégia que se observa na sequência, na medida em que RV expande a suposta “denúncia” como algo que também possa estar atingindo o Brasil todo. Isso é realizado por meio da seguinte construção: *não duvido que isso também esteja acontecendo em todo o Brasil*. Trata-se de estratégia relevante, na medida em que a youtuber não se compromete com a veracidade da proposição – algo que poderia aumentar o grau de ceticismo diante do que enunciará, especialmente porque incluiria unidades federativas com governos conservadores, por exemplo –, mas deixa implícito que o que relatará pode não se restringir apenas a Fortaleza, o que aponta para uma possível mobilização coletiva desse discurso e dessa agenda do exogrupo (*eles*). O que se observa, portanto, é a instanciação de um discurso que constrói como reais a expansão do exogrupo pelos espaços geográficos e a disseminação de sua agenda pelo país, o que configura ameaça aos valores do endogrupo (*nós*) e requisita intervenção (CAP, 2013; FILARDO-LLAMAS; HART; KAAL, 2018; GONÇALVES-SEGUNDO, 2016)¹⁶.

16 O tema da estratégia discursiva de aproximação temporal e distribuição espacial e axiológica do exogrupo progressista como forma de legitimação de intervenção, no âmbito do discurso conservador, foi tema de nossa fala, intitulada *A construção de espaços conceptuais na legitimação discursiva e na mobilização social*:

Ademais, parece-me relevante para a construção de um quadro de **vazamento** o enunciado *preste bem atenção*, que atua como recurso metadiscursivo que dirige a atenção do espectador para a Secretaria de Educação de Fortaleza como o agente responsável pelo suposto treinamento e capacitação e professores e funcionários que incentivaria a masturbação infantil e normalizaria a pedofilia. Ao fazer isso, a youtuber consegue focalizar um inimigo intrínseco à gestão de esquerda da cidade, imputando responsabilidade institucional ao ocorrido e garantindo a associação desse espectro político a imoralidades e ao fantasma da “sexualização infantil” (o tal *modo socialista de governar*).

A essa estratégia geral de presentificação da capacidade de articulação do exogrupo, no sentido de tomar espaços geográficos e distribuir seus valores, construídos como errados e, inclusive, criminosos, que ferem a moralidade que supostamente caracteriza o endogrupo, de caráter conservador, denomino **ubiquidade do exogrupo**.

Em termos imagéticos, RV intercala à imagem de um ambiente doméstico, no qual ela fala diretamente à câmera, um conjunto de 9 imagens, que representam os slides da apresentação de PowerPoint que constitui a *apostila* para *treinamento e capacitação de professores e funcionários de creches*. Mostrar tais imagens no vídeo, ainda que em cortes rápidos, também consiste em fator relevante para a construção do ato de **vazamento**, podendo atuar, assim, como um mecanismo que reduz o ceticismo diante do relato ou, de forma complementar, que amplia a confiabilidade no que está sendo dito.

Contudo, caso se pause o vídeo e se dirija a atenção com calma para o conteúdo dos slides, é possível chegar a conclusões diferentes das que estão sendo enunciadas pela youtuber. Quando ela diz que o material pedagógico, objeto de investimento pesado da secretaria de educação, afirma que *é muito natural aBRAÇOS caRÍcias e:... masturbação infantil para acalmar as crianças*, a youtuber não mostra (ou esclarece) que se trata de um excerto extraído de um artigo científico que debate como, historicamente, a relação entre adultos e crianças, no que tange à sexualidade – mais especificamente, ao contato íntimo –, se modifica ao longo do tempo e que, no passado (no caso, séculos XV e XVI), comportamentos que hoje são execrados e punidos pela lei eram, antes, considerados normais – e não que hoje, no Brasil, isso seja aceito ou pregado como se fosse normal, natural ou estimulável. Abaixo, mostro o referido *slide*:

articulações entre linguagem e cognição, na mesa *Linguagem e Cognição: olhares e perspectivas*, na ABRALIN ao Vivo.

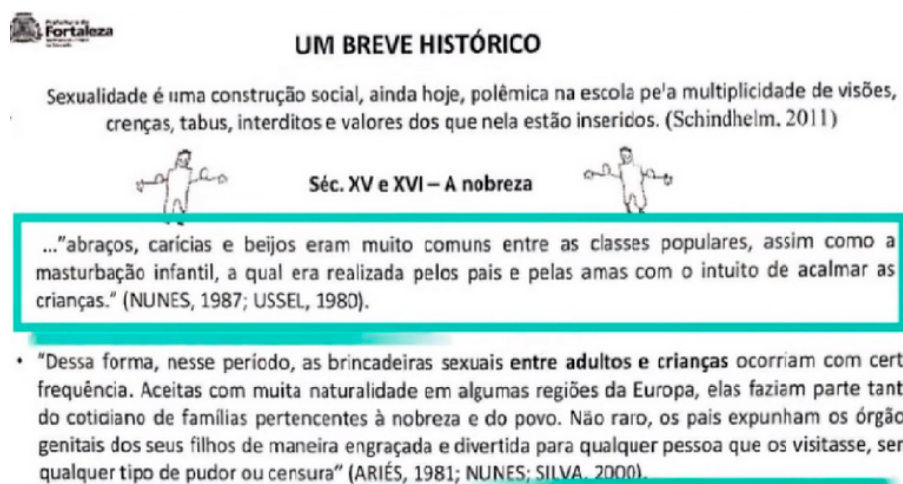


Figura 1. Fake News sobre apostila que incentivaria pedofilia. Fonte: <https://www.e-farsas.com/a-prefeitura-de-fortaleza-elaborou-uma-cartilha-de-masturbacao-em-bebes.html>

Penso que há três dimensões importantes a serem destacadas na contraposição entre o conteúdo deste slide e a construção de RV no vídeo que me permitem categorizá-la como uma instância de **contexto falso**. A primeira consiste na descontextualização de um relato de seu entorno textual, entorno este responsável por conferir-lhe situacionalidade em termos intratextuais. Em outras palavras, é possível detectar um trabalho enunciativo de apagar pistas cotextuais que mostrariam aspectos espaço-temporais cruciais para a interpretação do que foi dito/escrito, em um processo de deslocamento que leva à reinterpretação do conteúdo proposicional como se fosse válido para o presente, e não circunscrito aos séculos XV e XVI (na Europa ainda). Creio que o fenômeno poderia ser designado como **desancoragem espaço-temporal**.

A segunda dimensão diz respeito ao apagamento da fonte e do modo de acesso ao relato, elementos que estão intimamente ligados ao campo linguístico da evidencialidade (BEDNAREK, 2006; CARIOCA, 2011; MARÍN-ARRESE, 2011; GONÇALVES-SEGUNDO, 2020). Em vez de enunciar que se trata de citações de artigos científicos que debatem historicamente a questão da sexualidade na infância, RV simplesmente ignora tal ancoragem e denuncia os comportamentos mencionados como se fossem assumidos pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. Segue o excerto: *isso seria ótimo se o tipo de material pedagógico não afirmasse ((slide 3)) que é muito natural aBRAços, caRÍcias e:... masturbação infantil para acalmar as crianças... isso mesmo... isso não é fake news... ((slide 5)) olha aí a apostila*. O verbo *afirmar* sinaliza, claramente, esse desvio da atribuição de responsabilidade pelo conteúdo proposicional; a fonte se torna o *material pedagógico* quando, na verdade, ele é apenas o *apud*. Na sequência, a youtuber ainda se vale do imperativo para sugerir ao leitor que verifique, pela visão, o que ela está dizendo, valendo-se da percepção como um argumento para defender o seu ponto de vista – *isso não é fake*

news –, estratégia que antecipa possíveis avaliações céticas em relação ao que enuncia. De alguma forma, ela parece contar que o leitor não se atentará ao contexto, ao enquadramento do conteúdo proposicional e nem ao reconhecimento de citações e de seu papel na construção do conhecimento. RV, nesse sentido, parece construir um auditório, um espectador que não conhece o funcionamento da discursividade acadêmica. Independentemente disso, contudo, acredito que haja uma estratégia relevante dessa ecologia midiática alternativa no que tange ao apagamento da fonte e do modo de acesso aos relatos, deslocando responsabilidades enunciativas. Denominarei essa estratégia como **transferência de responsabilidade enunciativa**.

Por fim, uma última dimensão do **contexto falso** consiste na manipulação do contexto situacional que envolve um dado evento, resignificando, assim, a forma de interpretar dadas produções textuais. No caso em pauta, segundo dados das agências de checagem, a apostila não fora apresentada para professores e funcionários de creches, mas a formadores de professores. Nesse sentido, a estratégia do vídeo parece ser a de aproximar, o máximo possível, o discurso e o comportamento “desviantes” do alvo do pânico moral; nesse caso, construir como público do curso o professor e o funcionário da creche, que estariam sendo formados para a *sexualização infantil* – voltarei a esse ponto posteriormente –, é tornar mais concreto e mais próximo o perigo da ameaça à infância, visto que são esses profissionais que, de fato, têm contato direto com as crianças. Acredito que posso designar tal estratégia de construção de **contexto falso** como **reconfiguração situacional**.

Passo a tratar agora da dimensão do **conteúdo manipulado**. Em primeiro lugar, há as manipulações pontuais que trabalham no âmbito do espaço. É possível observar que, inicialmente, a youtuber fala em *creches aqui do Ceará* para, na sequência, dizer *especialmente na capital Fortaleza*. A perspectivação induz o leitor a compreender que, embora o conteúdo da denúncia abranja Fortaleza, ele também se aplica a outras localidades do Ceará. Contudo, o texto passa a focar apenas Fortaleza; o material é parte de curso para formadores que atuarão na prefeitura; a responsabilidade pela apostila é atribuída à Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza; logo, esse tipo de ampliação de escopo espacial consiste em uma estratégia de gradação voltada a simular a ampla penetração do discurso e da agenda do exogrupo (*eles*), no caso, do discurso progressista e da agenda da esquerda política, marcados por uma suposta imoralidade que precisa ser combatida. Por conseguinte, não é de se estranhar que se lance a conjectura de que tal tipo de treinamento/capacitação possa estar acontecendo *em todo o Brasil*. Tal manipulação espacial, que, certamente, integra a estratégia de **ubiquidade do exogrupo**, parece voltar-se a manter o endogrupo em estado de prontidão, via ansiedade ou medo, para estar sempre fazendo frente aos avanços da dita imoralidade.

Ainda no campo desse tipo de **manipulação de conteúdo**, vê-se, ao final, que RV destaca que o referido treinamento está ocorrendo em *Todas as creches* para, posteriormente, chamar a atenção para *principalmente aquelas que são conveniadas*. Novamente, ocorre uma construção que, primeiro, foca na alta distribuição para depois reduzir o escopo da denúncia (não da presença do exogrupo). O modo de construção e o seu efeito são similares ao anterior, inclusive pelo uso de um operador de restrição, como *especialmente* e *principalmente*. A manipulação pode ser apreendida por leitores com distanciamento em relação ao texto, na medida em que as creches conveniadas estariam obviamente incluídas no conjunto das creches da cidade; assinalar sua especificidade parece servir apenas a atacar a imagem da prefeitura, do PDT, na medida em que introduz um suposto discurso relatado da atual gestão: “*quem não fizer os cursos perde a verba para manter a creche*”. Voltarei a esse ponto na sequência. Por ora, gostaria de ressaltar que a manipulação discursiva da distribuição do exogrupo em termos espaciais e, por conseguinte, axiológicos parece uma estratégia típica dessas *fake news* de polarização política que bebem em pânico morais. Acredito que tal estratégia possa ser denominada **diluição de fronteiras espaciais**, procedimento este que se vincula à estratégia geral de **ubiquidade do exogrupo**.

Passo, então, a tratar do relato. O suposto discurso citado da prefeitura no vídeo não é mencionado pelas agências de checagem nem consta no material; logo, não há como saber se possui algum nível de facticidade ou não. Contudo, caso se considere que o curso foi para formadores e não para professores e funcionários de creche e que o conteúdo da apostila foi reenquadrado com alta manipulação co(n)textual, fica pouco plausível que o enunciado anterior tenha sido, de fato, proferido pela prefeitura. Nesse caso, o vídeo atravessaria a fronteira da **manipulação de conteúdo** para a **fabricação de conteúdo**. O que importa, contudo, no âmbito da discussão sobre as estratégias discursivas, é que o enunciado relatado consiste em um ato ilocutório de ameaça, na medida em que fica implícito que as creches conveniadas que não aderissem a tal treinamento não receberiam verbas e, portanto, dificilmente teriam condições de continuar funcionando, o que geraria, inclusive, problemas graves não só para a formação escolar das crianças, quanto para gerenciamento da vida profissional dos pais – isso, contudo, é negligenciado no vídeo. A construção parece visar a induzir o leitor a ver a atual gestão municipal como chantagista e “pervertida”, uma gestão que abusa de seu poder político e econômico para impor sua ideologia imoral e potencialmente criminosa (na medida em que os atos normalizados se enquadram como pedofilia), com impactos sérios à integridade da criança.

Ainda no que diz respeito à **manipulação de conteúdo**, há a charge, de autoria de Jota Camelo, que apresenta a ministra Damares Alves. Insiro-a na sequência:



Figura 2. Charge de Jota Camelo. Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/e-motorista-laranja-por-renato-aroeira/>

Ainda que insira uma caricatura da ministra Damares Alves, que pode ser interpretada, sim, como um gesto de depreciação, acredito que o foco do texto não é esse: a ideia é aproveitar a fala da ministra, de cunho conservador, uma vez que defende performances de gênero hegemônicas e, basicamente, essencializa a relação entre gênero e sexo, figurativizada na associação de gêneros/sexos com cores, para, então, criticar a gestão Bolsonaro por conta dos escândalos envolvendo Fabrício Queiroz, ex-motorista e ex-assessor de Flávio Bolsonaro, que teria realizado movimentações financeiras altas atípicas¹⁷, sendo, portanto, interpretado como um possível “laranja”. Tendo isso em vista, é até estranho que tal charge conste no material.

Segundo a apuração da agência *Aos Fatos*, a criadora da apostila, a educadora Elisabete Cabral, admitiu que a charge constava no material; alegou, contudo, que seu propósito era debater questões de gênero na Educação Infantil, relacionadas, por exemplo, à separação de brinquedos em categorias específicas para meninos e meninas. Confesso que tal alegação me parece plausível; mas contrapor esse suposto objetivo à interpretação de depreciação, realizada pela youtuber, seria suficiente para falar de alguma forma de manipulação no vídeo? Reproduzo na sequência o excerto relevante:

na mesma apostila ((slide 7)) uma charge depreciando a ministra Damares Alves... charge que claro pode ser feita e publicada em qualquer veículo de imprensa... mas não numa apostila que ((slide 8)) ensina os professores a trabalhar a sexualização infantil ((slide 9)) na priMEIra inFÂNcia... você não acha isso estranho não pessoal?... a ministra Damares Alves foi vítima desse tipo de ataque a vida toda... desde criança quando foi molestada por um adulto... mas a apostila da prefeitura de Fortaleza menosPREza isso... RI da ministra... e afirma que carícias e toques são normais

¹⁷ Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/01/18/caso-fabricio-queiroz-o-que-e-cronologia-dos-fatos-personagens.ghtml>

entre adultos e crianças... até agora como a ministra vem trabalhando incansavelmente contra esse tipo de abuso para proteger essas crianças... eh:::.. ela tem enfrenTAdo essa batalha esse tipo de escárnio...

Texto 2. Excerto da *fake News* sobre apostila que incentivaria pedofilia.
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QNOv9asigH0>

Salta aos olhos, no excerto, a afirmação de que a *apostila ensina os professores a trabalhar a sexualização infantil na priMElra inFÂncia*. Além da distorção de público-alvo, que já assinaléi anteriormente e, por conta disso, ignorarei neste momento, gostaria de destacar o uso do nome *sexualização*, palavra cujo sufixo denota transformação, processo. Ao se valer de tal nominalização, a youtuber incita uma interpretação de que a apostila treinará os professores para sexualizar as crianças pré-escolares, rompendo, no âmbito de tal discursividade, com sua tendência de não apresentar tal comportamento, mais uma reiteração de pânico moral.

Na sequência, relata a história da ministra Damares Alves, vítima de violência sexual quando criança, e exalta sua atuação no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: *a ministra vem trabalhando incansavelmente contra esse tipo de abuso para proteger essas crianças*. Sob esse fundo, RV destaca que a apostila *menospreza* a violência sexual sofrida pela ministra e *RI* dela, afirmando que *carícias e toques são normais entre adultos e crianças*, como se o discurso outro, de caráter progressista, concebesse a violência sexual como algo banal, corriqueiro e de menor importância, validando esse tipo de abuso, assédio ou violência.

Nesse conjunto como um todo – e não na interpretação de depreciação da charge –, é possível observar a **manipulação de conteúdo**. De uma apostila de formação intelectual, que discute a história da sexualidade e da intimidade relativa à infância, o material é reenquadrado como um treinamento que visa a incitar sexualização infantil, normalizar abusos e violências, ridicularizar vítimas de violência sexual; em outros termos, construir a pedofilia como se fosse algo socialmente aceitável. Acredito que posso denominar tal estratégia, com base em van Leeuwen (2008), como **adição de propósito imoral/criminoso**.

Chego, então, a um ponto fundamental. O vídeo como um todo parece basear-se em um evento que de fato ocorreu – o treinamento de formadores de professores – para, então, **reconfigurar o contexto situacional**, alterando o público-alvo do curso; **desancorar em termos espaço-temporais** o conteúdo ministrado, bem como **transferir a responsabilidade enunciativa** pelo conteúdo proposicional à prefeitura; **reconstituir seus objetivos**, de forma a incitar a conceptualização de que são **imorais/criminosos**, atacando, assim, o discurso progressista e sua agenda político-educacional, por manter acesa a chama dos pânico morais relativos à sexualidade infantil. Tal combinação pode despertar emoções como indignação e atitudes como antagonismo, servindo como mecanismo de coesão do endogrupo conservador, que pode, muitas vezes, nem chegar a questionar se o

que se denuncia é, de fato, real¹⁸, uma vez que “é sabido” que o exogrupo progressista e a esquerda estão tomando os espaços e distribuindo sem controle os seus valores desviantes (a **ubiquidade do exogrupo**).

É nesse sentido que defendo a tese de que essa modalidade de *fake news*, independentemente da sua categorização (conteúdo fabricado ou manipulado, contexto falso, vazamento, dentre outras), atua na tensão entre o evidente e o absurdo. Para membros do exogrupo, é absurda a ideia de que o discurso progressista validaria a naturalização do contato sexual entre adultos e crianças, ou seja, a pedofilia (termo não usado no vídeo, mas facilmente recuperável) ou mesmo ridicularizaria mulheres vítimas de violência sexual, quando uma de suas principais bandeiras é justamente contra o que se denomina “cultura do estupro” ou a “sexualização precoce de crianças” (vide as denúncias e as críticas vorazes ao concurso Miss Infantil promovido pelo SBT em 2019). Para membros do endogrupo, contudo, pode ser evidente tal naturalização, uma vez que se distorce a luta progressista pela igualdade de acesso e de oportunidades, bem como pela segurança de identidades alternativas de gênero e de sexualidade com o uso do termo “ideologia de gênero”, macrocategoria que inclui uma diversidade de comportamentos avaliados por eles como desviantes, que chegam a incluir, não raro, despropósitos, como o incentivo à pedofilia, por exemplo¹⁹. Nesse processo, conforme já bem destacou Gelfert (2018), citado nas seções iniciais, os viesamentos cognitivos podem suplantam o pensamento crítico, levando muitos espectadores a se desarmarem, abandonando uma possível atitude de ceticismo diante de dados conteúdos, e outros a simplesmente consolidarem aquilo que já é sabido, mantendo, assim, uma atitude de enfrentamento diante de tal ideologia “desviante”. Contudo, parece que seria difícil sustentar essa tese para membros do exogrupo, que provavelmente depreenderiam os índices de manipulação com maior facilidade. Talvez seja uma hipótese interessante para se investigar com uma pesquisa experimental.

Dando continuidade a essa linha de raciocínio, chego à minha proposta final: se o exogrupo depreenderia os índices de desordem informacional com maior facilidade, esses textos não devem ser vistos como orientados a revisar suas crenças; em outros termos, a *fazer crer*. Pelo contrário. No que tange ao exogrupo, esses textos provavelmente são produzidos para serem distribuídos, para gerarem dados, subirem nas estatísticas das redes sociais e ganharem impulso, gerando indignação, reforçando

18 Sugiro ao leitor observar os comentários na página do Facebook da prefeitura de Fortaleza referentes à nota emitida pela atual gestão negando a veracidade dos vídeos:

<https://www.facebook.com/PrefeituradeFortaleza/photos/a.224800790908002/2364681943586532/?type=3&heater> (Acesso em 29 jun. 2020).

As opiniões são bem diversas, bem como os argumentos levantados contra e a favor da veracidade das duas versões. Vale, inclusive, um estudo.

19 Para uma discussão mais detida da relação entre pânico moral e ideologia de gênero, ver Balieiro (2018).

antagonismos e ratificando as delimitações entre grupos e seus respectivos discursos e – por que não? – agendas políticas. No que tange ao endogrupo, a reiteração do pânico moral reforça a coesão social, delimita o conjunto de atores sociais a serem atingidos por um dado discurso, cimentando um grupo de apoio a dada agenda política, que distribuirá tais textos e defenderá tais posições com veemência. Um resultado possível desse jogo é o enfraquecimento do debate público real, que deveria ser marcado pelo dissenso ponderado e pela possibilidade de estabelecimento de concessões e de consensos, em uma arena na qual as ideias que mais resistem à crítica, tendo como base os direitos humanos, prevalecem. Nesse processo, quem perde são os subalternos e os marginalizados. Em que medida conseguiremos recuperar o diálogo democrático real – sem ceder no que tange ao avanço dos direitos humanos e à luta contra a desigualdade – quando o absurdo e o evidente colidem frontalmente?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi fazer avançar o conhecimento referente aos modos de construção das *fake news* ancoradas em pânicos morais, produzidas e distribuídas em contexto de polarização política nas mídias digitais. Para isso, busquei, inicialmente, a partir de um diálogo multidisciplinar, discutir a noção de *fake news* e discorrer sobre fatores relevantes relativos a seu funcionamento no Brasil contemporâneo. Nesse processo, destaquei as noções de **desordem informacional** (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018), de **ecologia midiática alternativa** e de **guerrilha informacional** (GOMES; DOURADO, 2019) e de **economia da atenção** (BAKIR; MCSTAY, 2017), além de ter frisado a necessidade de considerar que, no meio digital, textos também são dados e que essa natureza híbrida é constitutiva do funcionamento das *fake news*.

Posteriormente, debati minha hipótese de que a modalidade de *fake news* em pauta consiste em um ponto de tensão entre o absurdo e o evidente, tomando como suporte a perspectiva sociosemiótica da linguagem, que entende a produção e a interpretação discursiva como filtradas e reguladas por ordens do discurso (FAIRCLOUGH, 2003), constituídas por relações dialéticas entre discursos, gêneros e estilos no âmbito de práticas sociais.

O núcleo do artigo, contudo, voltou-se ao debate sobre as estratégias discursivas instanciadas em um vídeo publicado no YouTube, produzido por RV, youtuber conservadora e apoiadora da gestão Bolsonaro, no qual se denunciava uma apostila supostamente produzida pela Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza que, além de depreciar a imagem da ministra Damares Alves, naturalizaria o contato íntimo entre adultos e crianças e incentivaria a sexualização infantil.

Partindo do caráter híbrido do vídeo, que apresenta traços de (simulação de) **vazamento**, **contexto falso** e **conteúdo manipulado**, busquei detectar estratégias discursivas pertinentes a cada um desses tipos, além de uma estratégia geral, que acredito ser potencialmente constitutiva das *fake news* calcadas em pânticos morais²⁰.

Nesse sentido, tratei da estratégia geral de **ubiquidade do exogrupo**. Por meio de tal estratégia, exacerba-se a ameaça do exogrupo (*eles*), uma vez que ele é construído em atuação contínua e reiterada no presente, espalhando pelos espaços geográficos do país seus supostos valores imorais, capazes de colocar em risco os tradicionais valores da sociedade brasileira, considerados corretos e morais. Não raro, tal tipo de estratégia se associa à legitimação de intervenções (CAP, 2013).

Em termos de **vazamento**, deparei estratégias pontuais, como (I) a simulação de diálogo com o espectador, que é indagado acerca de um saber que ele, em tese, não poderia ter para, assim, instigar sua curiosidade e despertar sua indignação, visto que, dada a gravidade do assunto, se supõe que ele já “deveria” ter algum conhecimento a respeito; além de (II) o uso de imagem como evidência para reduzir o ceticismo ou ampliar a confiabilidade diante da denúncia realizada, de forma a tentar diminuir a chance de o texto ser interpretado como – curiosamente – uma instância de *fake news*.

No que se refere ao **contexto falso**, destaquei três estratégias: (I) a **desancoragem espaço-temporal**, que subtrai o conteúdo proposicional de seu enquadramento co(n)textual, o que permite manipular o espaço de aceitabilidade de dadas concepções de realidade; (II) a **transferência de responsabilidade enunciativa**, que apaga a fonte e o modo de acesso efetivo de dadas proposições, construindo-as como assumidas por outras instâncias discursivas; e (III) a **reconfiguração situacional**, que modifica o quadro de atores sociais que participam do evento tematizado na *fake news*, o que altera a maneira de avaliar o impacto do evento narrado.

No que concerne ao **conteúdo manipulado**, chamei atenção para (I) a estratégia de **diluição de fronteiras espaciais**, que ofusca onde, de fato, os eventos ocorrem e qual é o seu grau de amplitude real; e para (II) a estratégia de **adição de propósito imoral/criminoso**, que reconceptualiza o objetivo dos eventos e dos textos tematizados na *fake news* com base em valores tidos como imorais e criminosos – no caso em pauta, para qualquer ator social razoável hodiernamente –, construindo o exogrupo como responsável por querer instaurar massivamente em uma dada unidade territorial tais padrões de comportamento e de pensamento desviantes.

Para finalizar, destaquei o funcionamento desse texto em face de dois diferentes públicos – o auditório constituído pelo endogrupo e pelo exogrupo –, mostrando como a

²⁰ Obviamente, convido outros pesquisadores a testarem esses achados tanto nessa mesma modalidade de *fake news* quanto em outras, a fim de se verificar a replicabilidade de tais resultados.

questão da distribuição dos textos/dados é fundamental para o sucesso dessa modalidade de *fake news* e discutindo a pertinência da hipótese de que tais textos, de fato, se situam na tensão entre o evidente e o absurdo, conjecturando acerca do seu impacto para a saúde democrática.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. *Apologia da polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

BAKIR, Vian; MCSTAY, Andrew. Fake News and The Economy of Emotions. *Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 154–175, 7 fev. 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1345645>.

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Don’t mess with my kids”: building the moral panic of the child under threat. *Cadernos Pagu*, n. 53, 2018. DOI [10.1590/18094449201800530006](https://doi.org/10.1590/18094449201800530006).

BAPTISTA, Erica Anita; ROSSINI, Patrícia; OLIVEIRA, Vanessa Veiga de; STROMER-GALLEY, Jennifer. A circulação da (des)informação política no WhatsApp e no Facebook. *Lumina*, v. 13, n. 3, p. 29–46, 30 dez. 2019. DOI <https://doi.org/10.34019/1981-4070.2019.v13.28667>.

BEDNAREK, Monika. Epistemological positioning and evidentiality in English News discourse: A text-driven approach. *Text & Talk*, n. 26, v. 6, 2006, p. 635–60. DOI <http://dx.doi.org/10.1515/TEXT.2006.027>

CAP, Piotr. *Proximization: The pragmatics of symbolic distance crossing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2013. DOI [10.1075/pbns.232](https://doi.org/10.1075/pbns.232).

CARIOCA, Cláudia Ramos. Aspectos semânticos da evidencialidade nos trabalhos acadêmicos de grau. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira; LOPES, Maria Fabíola Vasconcelos (org.) *Modo e Modalidade: gramática, discurso e interação*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p. 143–163.

CRITCHER, Chas. Moral Panics. *Oxford Research Encyclopedia of Criminology and Criminal Justice*, 2017. DOI [10.1093/acrefore/9780190264079.013.155](https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190264079.013.155).

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.

FILARDO-LLAMAS, Laura; HART, Christopher; KAAL, Bertie. Introduction: Space, Time and Evaluation in Ideological Discourse. In: FILARDO-LLAMAS, Laura; HART, Christopher; KAAL, Bertie (orgs.). *Space, Time and Evaluation in Ideological Discourse*. London: Routledge, 2018.

GELFERT, Axel. Fake News: A Definition. *Informal Logic*, v. 38, n. 1, p. 84–117, 15 mar. 2018. DOI <https://doi.org/10.22329/il.v38i1.5068>.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 16, n. 2, p. 33–45, 11 nov. 2019. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p33>.

GONÇALVES SEGUNDO, Paulo Roberto. *Tradição, dinamicidade e estabilidade nas práticas discursivas: um estudo da negociação intersubjetiva na imprensa paulistana*. Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI [10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141](https://doi.org/10.11606/T.8.2011.tde-25042012-161141).

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Exclusão e inclusão na mídia paulista: uma análise cognitivo-retórica da construção dos rolezinhos na Folha de S. Paulo. In: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (orgs.). *Estudos do discurso: caminhos e tendências*. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 134–158.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Discurso e prática social. In: BATISTA JR., José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaé Borges; MELO, Iran Ferreira de (orgs.). *Análise do Discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018. p. 79–103.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Posicionamento epistêmico e argumentação: articulações entre evidencialidade, modalidade epistêmica e provas retóricas. *In: PIRIS, Eduardo Lopes; SOARES, Maria das Graças Rodrigues (orgs.). Estudos sobre argumentação no Brasil hoje: modelos teóricos e analíticos.* natal: EDUFRN. p. 99-142, 2020.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. Fake news, moral panic and polarization in Brazil: a sociosemiotic interpretation. *European Scientific Journal, submetido.*

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. *Introduction to Functional Grammar*. 3ª ed. Rev. de Christian Matthiessen. London: Hodder Arnold, 2004[1985].

KRESS, Gunther R.; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. London: Routledge, 2006[1996].

Lelo, Thales. Vilela. Recepção de fake news e fact-checking em contexto de polarização política. Encontro Anual da Compós, 28. *In: Anais [...]*. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. p. 1-24. Disponível em: <http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/5896>

LEMKE, Jay. *Textual Politics: Discourse and Social Dynamics*. London: Taylor & Francis, 2005.

MARÍN-ARRESE, Juana. Effective vs. Epistemic stance and subjectivity in political discourse: Legitimising strategies and mystification of responsibility. *In: HART, Christopher (org.) Critical Discourse Studies in Context and Cognition.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 193-223.

Mont'Alverne, Camila; Mitozo, Isabele. Muito além da mamadeira erótica: As notícias compartilhadas nas redes de apoio a presidenciáveis em grupos de WhatsApp nas eleições de 2018. *In: 8º Encontro da Compolítica Anais [...]*, 2019, p. 1-25. Disponível em: http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT4/gt4_Montalverne_Mitozo.pdf

OSWALD, Margit E.; GROSJEAN, Stefan. Confirmation bias. *In: POHL, Rüdiger (org.). Cognitive illusions: a handbook on fallacies and biases in thinking, judgement and memory.* Hove ; New York: Psychology Press, 2004. p. 79-96.

Piccinin, Fabiana; Castro, Henrique Carlos de Oliveira de; Castilho, Sofia Vizcarra. Fake news nas eleições: notas sobre a crise de confiança e a cultura política brasileira. III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídiação e Processos sociais. *In: Anais [...]*, v. 1, n. 3, 2019, p. 1-19. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatacao-artigos/article/view/269/263>

PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 4ª edição. São Paulo: Humanitas, 1999.

REISIGL, Martin; WODAK, Ruth. The Discourse-Historical Approach (DHA). *In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael (org.) Methods of Critical Discourse Analysis*. 2ª edição. London: Sage, 2009, p. 87-121.

RINI, Regina. Fake News and Partisan Epistemology. *Kennedy Institute of Ethics Journal*, v. 27, n. 2, p. E-43-E-64, 21 set. 2017. DOI <https://doi.org/10.1353/ken.2017.0025>.

SEGUNDO, Paulo Roberto Gonçalves. Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso: explorando convergências e explicitando especificidades. *Estudos Linguísticos*, v. 43, n. 3, p. 1282-1297, 2014.

TANDOC, Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Defining "Fake News": A typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, v. 6, n. 2, p. 137-153, 7 fev. 2018. DOI <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>.

VAN DIJK, Teun A. *Ideologia y discurso: una introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003.

VAN DIJK, Teun A. *Discourse and knowledge: a sociocognitive approach*. New York: Cambridge University Press, 2014.

VAN LEEUWEN, Theo. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. Oxford ; New York: Oxford University Press, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Vieira de Camargo Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Thinking about 'information disorder': formats of misinformation, disinformation, and mal-information. *In: IRETON, Cheryl; POSETTI, Julie; UNESCO (orgs.). Journalism, "fake news" et disinformation: handbook for journalism education and training..* Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2018. p. 43-54. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0026/002655/265552E.pdf>.